

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

ACIDENTES DO TRABALHO ENTRE TRABALHADORES RURAIS CANAVIEIROS: ANÁLISE DE INFORMAÇÕES PREVIDENCIÁRIAS

Cassiano Ricardo Rumin¹

Resumo

O trabalho nos canaviais brasileiros é historicamente marcado por restritas políticas públicas de proteção dos trabalhadores que se combinam com a intensidade elevada da ação produtiva. Este cenário se repete tanto para os trabalhadores envolvidos com a colheita da cana-de-açúcar, quanto para aqueles que executam atividades de tratamentos culturais nos canaviais. Este trabalho tem o objetivo de analisar os registros de auxílio-doença acidentários e previdenciários de trabalhadores envolvidos com o cultivo de cana-de-açúcar (CNAE: 01.13-0), no período de 2009-2013. A metodologia compreendeu a análise das informações disponibilizadas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social. A partir desta base de dados secundários, foram identificados os registros de adoecimento dos trabalhadores do cultivo de cana-de-açúcar, categorizados a partir da Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Os resultados indicam que no período de 2009-2013 houve redução na incidências destas ocorrências para os trabalhadores canavieiros. Entretanto a proporção de acidentes da canavicultura ainda é muito elevada quando comparada com a proporção de acidentes na população em geral. A penosidade do trabalho nas atividades relacionadas ao cultivo de cana-de-açúcar contrasta com um reduzido número de doenças do trabalho, representando apenas 12,5% da incidência de doenças do trabalho para a população em geral. Haveria também uma certa analogia entre registros de acidentes e de doenças do trabalho, particularmente para os agravos osteomusculares, doenças do aparelho digestivo e transtornos mentais e comportamentais. Conclui-se que a combinação da sazonalidade da atividade produtiva, com suas condições penosas e as dificuldades para reconhecer o nexos causal do adoecimento com o trabalho limitaria o acesso a aposentadoria por tempo de serviço. Assim, não se deve desconsiderar a história social desse grupo e adiar ainda mais a discussão de políticas públicas que legitime seus direitos. Mesmo com a colheita mecanizada representando alguma superação em relação aos padrões de morbidade destes trabalhadores, um montante significativo de homens e mulheres ainda empenham sua vida e saúde na produção de valores da agroindústria canavieira.

¹ Psicólogo, Especialista em Saúde Pública (FCF/UNESP), Mestre em Ciências Médicas (FMRP/USP), Docente do curso de Psicologia das Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI).

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Introdução

Políticas públicas, trabalho rural e identidade

Ao longo da sua história, o trabalho nos canaviais brasileiros contrapõe o discurso de desenvolvimento econômico à constatação da precarização da vida dos trabalhadores. Esta contraposição, em muito se estruturou em virtude da ambiguidade com que o Estado estabeleceu políticas públicas para este setor. Alves (2009, p.166) destaca que “o estado, nos seus três níveis e nos seus três poderes, é bastante permeável aos interesses do agronegócio”. Por isso, muitas vezes o Estado amparou o capital sucroalcooleiro e desconsiderou a exploração do trabalho e as necessidades dos trabalhadores.

Em uma breve incursão sobre as políticas públicas dirigidas ao agronegócio, verifica-se que a intervenção estatal no setor sucroalcooleiro foi direcionada ao fortalecimento dos capitais envolvidos neste seguimento. Conforme destacado por Ramos (2007):

sob intervenção estatal de âmbito federal desde 1931, apresentava um excedente de produção, cujo destino foi o mercado externo, (...). Isto perdurou até o início dos anos de 1960, quando a revolução cubana tornou possível a entrada do açúcar brasileiro no mercado norte-americano e a exportação passou a ser objeto de maior preocupação da intervenção estatal. Entre 1966 e 1980, depois do período de altos preços do açúcar obtidos nas exportações, a criação do Proálcool em 1975 permitiu uma grande ampliação do mercado interno de álcool carburante, que existia desde a década de 1930 (RAMOS, 2007 p.570).

O estabelecimento de técnicas de combate a pragas que atacavam os canaviais, os experimentos agrícolas sobre modalidades de tratamentos culturais e o desenvolvimento de novas variedades (OLIVER e SZMRECSÁNYI, 2003) também fizeram parte dos incentivos estatais. Constata-se que mesmo após a década de 1930, período em que a intervenção estatal já se fazia presente com o Instituto do Açúcar e Alcool, a tensão entre desenvolvimento econômico e vida dos trabalhadores ainda perdurava.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A exportação de açúcar contribuía para a exploração dos trabalhadores rurais, especialmente no estado de Pernambuco (ANDRADE, 1994). Após a 2ª Guerra Mundial observou-se a “transferência do eixo da produção canavieira e açucareira para os Estados do sudeste do Brasil, uma transferência que só chegou a se completar de fato na década de 1950” (SZMRECSÁNYI e MOREIRA, 1991 p.59). Junto a esta mudança no eixo produtivo, nos estados do sudeste brasileiro também emergiram questões críticas envolvendo os trabalhadores canavieiros.

A tomada da cana-de-açúcar meramente como produto agrícola, não garantia crescimento econômico e nem mesmo contribuía para o fortalecimento da produção agrícola, a partir de sua diversificação. Além disso, a ausência de políticas públicas orientadas para a proteção da saúde dos trabalhadores rurais se desdobrava para além dos trabalhadores canavieiros. Atingia toda a categoria de trabalhadores do campo, pois, ao não inibir e incentivar a concentração fundiária (MARTINS, 1991) instaurava o conjunto dos trabalhadores rurais nomeados como volantes. Em virtude de ações regulatórias sobre a posse de terras realizadas pelos governos militares, entre os anos de 1964 e 1973, ocorreu o êxodo dos trabalhadores residentes como os posseiros, aqueles envolvidos no regime de colonato e até mesmo os arrendatários, que passaram a trabalhar como volantes, constituindo a figuração dos bóias-frias (SILVA, 2001). Assim:

(...) as leis produzidas, baseadas nos princípios do mercado, compra e venda, foram imprescindíveis ao mascaramento do processo de violência e nesse sentido elas pareciam ser justas, já que a tomada das terras não se fez abertamente por meio da grilagem e dos pistoleiros, métodos utilizados em outras partes do país. Ao contrário, tudo foi feito, seguindo o ‘documento’, dentro da lei e da ordem, logo, por meio da legitimidade, da ‘armadura jurídica e ideológica (SILVA, 2001 p.58-59).

Deste banimento da vida no campo e do trabalho rural de subsistência, advém o apontamento de Dawsey (1997, p.184): “ao falarmos do ‘bóia-fria’ estamos tratando mais de uma imagem – uma imagem carregada de tensões – do que de uma identidade.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Trata-se de uma experiência vivida como algo desconcertante. Um deslocamento da subjetividade”.

É relevante refletir sobre a indicação de Dawsey de que o bóia-fria é mais uma imagem que uma identidade. Jacques (2005, p.165) auxilia nesta discussão ao definir que a identidade “é o ponto de referência a partir do qual surge o conceito de si e a imagem de si, de caráter mais restrito”. Assim, como componente do conceito de si, agregam-se o desamparo do Estado, a violência da expropriação da terra e a transitoriedade da denominação ‘volante’ como a referência oscilante de si mesmo. Talvez, por estas perspectivas, o Dawsey (1997) tenha indicado os entraves para a constituição da identidade em torno da experiência do trabalho volante.

Até este ponto, foi descrito de modo sumário como a intervenção estatal fomentou os complexos agroindustriais ligados a canavicultura e estabeleceu a expropriação de diversas categorias de trabalhadores rurais. Este percurso foi necessário, pois, “quando se discute o processo de construção da identidade o caminho exige a reconstrução da história social dos grupos dos quais esse indivíduo faz parte” (BARROS, 2001 p.04).

Para seguir com o esforço de compreensão da história social dos trabalhadores canavieiros é relevante abordar as análises produzidas sobre o quadro geral de saúde destes trabalhadores e suas características sócio demográficas, ao longo do século XX.

Torres (1945) analisou as condições de vida dos trabalhadores canavieiros paulistas, cariocas, mineiros, baianos e sergipanos. O autor identificou precárias condições de habitação e alimentação, enfatizando a miséria destes trabalhadores. Ao avaliar o estado nutricional de trabalhadores migrantes da região de Ribeirão Preto (SP), Frederico, Marchini e Oliveira (1984) indicaram que ao longo da safra estes trabalhadores teriam ganho de peso. Este fato decorreria da elevação da ingestão calórica possibilitada pela disponibilidade financeira decorrente do emprego temporário. De tal forma, na entressafra canavieira poderia haver déficits nutricionais.

A esquistossomose também foi relacionada as condições de vida e trabalho de cortadores de cana-de-açúcar de Pernambuco (PE). Em pesquisa realizada na safra

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

1977-1978, a presença da forma hepatoesplênica da esquistossomose reduzia a produtividade dos trabalhadores e até mesmo impedia a realização do trabalho na colheita de cana-de-açúcar (COSTA e BARBOSA, 1982).

A tuberculose também atinge frequentemente os trabalhadores canavieiros. Em pesquisa realizada no município de Américo Brasiliense (SP), sobre a incidência de tuberculose, entre os anos 1992 e 2002, verificou-se que “a incidência de tuberculose sofre grande impacto da migração influenciada pela cultura canavieira e que a doença acomete principalmente, os lavradores do sexo masculino, na idade produtiva de 20 a 40 anos (...)” (SEVERO e LEITE, 2005 p.86). É fato que as condições de vida dos trabalhadores canavieiros estão ligadas ao desenvolvimento da tuberculose. Destacam-se os alojamentos e dormitórios coletivos destinados a estes trabalhadores como elementos envolvidos na transmissão da tuberculose.

Lopes (1982a) destacou que na zona canavieira de Lençóis Paulista (SP), 28,8% dos casos de acidente de trabalho não contaram com a cobertura previdenciária. Este fato revela a forma precária que os trabalhadores canavieiros são contratados, com os respectivos prejuízos securitários. Em outro levantamento de acidentes na zona rural de Botucatu (LOPES 1982b) apontou que aproximadamente 80% dos registros envolviam ferimentos com o facão, ilustrando em alguma medida, o limitado emprego dos equipamentos de proteção individual.

Os acidentes de trajeto também refletem a precariedade das medidas de segurança adotadas para a proteção à saúde desta classe trabalhadora. Entre os anos de 1979 e 1980 foram registrados 81 acidentes de trajeto com caminhões de boias-frias no estado de São Paulo e que ocasionaram 33 mortes, 107 vítimas graves e 654 vítimas leves (RODRIGUES, 1983). É claro que entre boias-frias não se encontravam exclusivamente os canavieiros. Entretanto, tomando em consideração que este período foi de intenso estímulo à produção canavieira paulista, por conta do Proálcool, estes acidentes deveriam, em parte considerável, atingir trabalhadores da canavicultura.

Em recente pesquisa envolvendo os trabalhadores canavieiros de Lagoa da Prata (MG) verifica-se que estes são predominantemente homens (80%), bastante jovens

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

(39% tem idade entre 18 e 25 anos) e “a maioria desses trabalhadores (n=609, 80%) contava apenas com ensino fundamental incompleto e os demais com ensino médio concluído (n=152, 20%)” (MACIEL et al. 2011 p.340). De tal forma, agregam-se as precárias condições de saúde, exigências intensas de trabalho e as limitadas alternativas profissionais em virtude da reduzida escolaridade.

A compilação deste conjunto de pesquisas, dão conta de apresentar a intersecção do contexto de trabalho e da vida dos cortadores de cana-de-açúcar. Isto decorre da “noção de que somos, ao mesmo tempo, seres singulares e coletivos inseridos num contexto de relações sociais” (GRISCI e LAZZAROTTO, 2005 p.236). Tal contexto é permeado pela postura permissiva do Estado, que desde a constituição de 1988, previa a vigilância sanitária dos ambientes do trabalho. Contudo, não foram estabelecidas condições materiais que possibilitassem a implementação de políticas públicas protetivas à saúde dos trabalhadores rurais e, particularmente, daqueles envolvidos na canavicultura.

OBJETIVO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar os registros de auxílios-doença acidentários e previdenciários de trabalhadores envolvidos com o cultivo de cana-de-açúcar, no período de 2009-2013.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foram analisadas as informações disponibilizadas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, no período 2009-2013. Neste período, a base de dados secundários possibilitou identificar grupos específicos de trabalhadores, a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Com isto foi possível identificar em um grupo específico de trabalhadores, as características de seu adoecimento. Nesta pesquisa foram abordados os trabalhadores do cultivo de cana-de-açúcar (CNAE 01.13-0) e analisados os registros de

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

seus acidentes e adoecimentos, a partir da Classificação Internacional de Doenças (CID-10).

Outras informações oriundas de bases de dados secundárias, tais como as referências ao número de trabalhadores envolvidos na canavicultura e as médias salariais dos mesmos, foram obtidas no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) mantido pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

A utilização das bases indexadas Scielo e BVS-Psi possibilitou o acesso a referências para compreender o trabalho, os trabalhadores e as políticas públicas dirigidas a produção industrial de cana-de-açúcar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os acidentes rurais do interior paulista, Teixeira e Freitas (2003) indicaram que entre os anos de 1997-1999, os acidentes de trabalho no cultivo da cana-de-açúcar no território paulista alcançaram a média de 5577 ocorrências por ano. Neste triênio, o número médio de trabalhadores volantes era de aproximadamente 270mil trabalhadores (RUMIN, 2004). Desse modo é possível estimar que tenha ocorrido 20 acidentes a cada grupo de 100mil trabalhadores no estado de São Paulo.

Ceccato et al. (2014) ao analisar os atestados médicos emitidos para trabalhadores rurais de uma agroindústria sucroalcooleira paulista, destacaram as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (M00-M99), as doenças do aparelho respiratório (J00-J99), as doenças do sistema nervoso (G00-G98) e as lesões, envenenamentos e outras consequências de causas externas (S00-T98) como as quatro principais causas originárias de atestados médicos. As doenças do sistema osteomuscular acumulavam 29% das ocorrências no início da safra (N = 31) e ao final da safra alcançavam 41,2% dos atestados (N = 254). Este cenário exemplifica a sobrecarga ao aparelho músculo esquelético que é vivenciado pelos trabalhadores na colheita manual de cana-de-açúcar e se soma as doenças do sistema nervoso, particularmente, a Síndrome do Túnel do Carpo (G56.0). Estas últimas, no início da

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

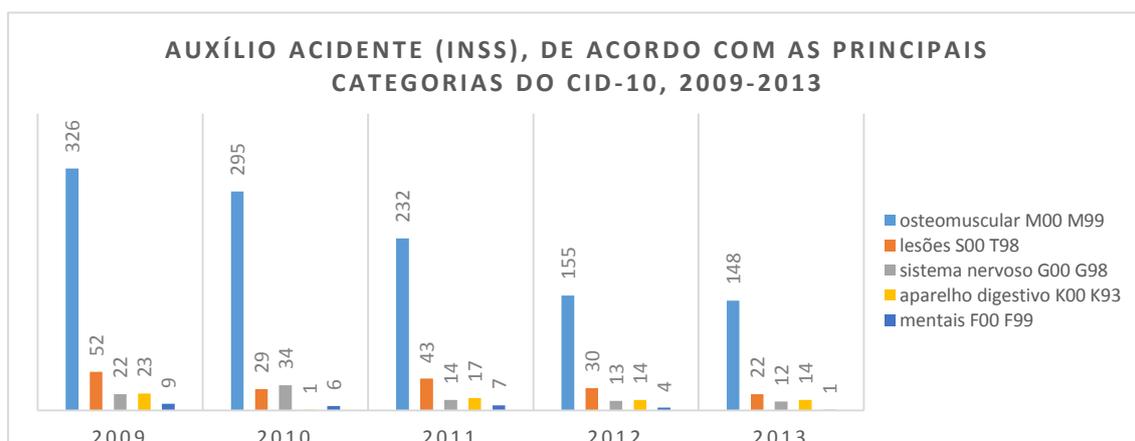
Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

safra resultaram em 9,3% dos atestados médicos (N = 10) e cresceram com a sequência da safra atingindo ao seu final 14,9% das ocorrências (N = 92).

É claro que na análise de Ceccato et al. (2014) não há distinção entre acidentes e doenças que resultaram em afastamentos com extensão inferior a 15 dias ou que exigiram maior período de afastamento (≥ 15 dias). Estes últimos podem ter suas características conhecidas com a visualização dos registros de acidentes do trabalho do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Abaixo segue a descrição das cinco principais causas de concessão de auxílio acidente pelo INSS e suas respectivas frequências para trabalhadores canavieiros (CNAE: cultivo de cana-de-açúcar - 01.13-0).



As informações disponibilizadas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (2015) destacam que entre os anos de 2009 e 2013 houve a concessão de 1585 auxílios acidentários dentre as cinco principais causas de auxílio acidente. Claramente verifica-se a tendência de queda nos registros de auxílios acidentários.

A informalidade e a conseqüente subnotificação podem ter contribuído para a redução destas ocorrências. A informalidade pode ter sido ampliada pela expansão do agronegócio da cana-de-açúcar por áreas onde a vigilância sanitária em saúde do trabalhador (VILELA et al. 2014) e a fiscalização trabalhista sejam deficitárias, como no Acre (FARIAS, 2010), em Goiás (SANTOS e SOUZA, 2012), norte do Paraná

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

(SOUZA, 2013) e Triângulo Mineiro (CARVALHO, SANTOS e SILVA, 2013). A desestruturação da representação sindical (CANDIDO e MALAGODI, 2009) também contribui para a informalidade e até mesmo para a exploração do trabalho análogo a escravo nos canaviais (XAVIER, 2013). Os prejuízos a representação sindical também determinam a subnotificação dos acidentes do trabalho, pois, muitas vezes as Comunicações de Acidentes do Trabalho são mediadas ou realizadas pelos sindicatos.

No grupo que abrange o maior número de auxílios acidente encontram-se as doenças osteomusculares. Estas são diretamente articuladas a repetição intensa dos movimentos e exigências do processo de trabalho (RIBEIRO e FICARELLI, 2010).

Em segundo lugar verificam-se as lesões, envenenamento e outras consequências de causas externas, que envolvem traumatismos decorrentes de acidentes típicos com o instrumento de trabalho, fraturas e intoxicações por exposição a agrotóxicos (T 65.9). A quantificação da exposição a agrotóxicos utilizando distintos equipamentos (pulverizador costal manual, pulverizador costal pressurizado e Pulmipur) é recente (MACHADO NETO e MACHADO, 2007). Nesta atividade denominada ‘repassé’ é preocupante, em razão do paraquat ser o herbicida frequentemente utilizado e este ser responsável por falência respiratória grave e morte em caso de intoxicação (SCHMITT et al. 2006). O repasse é muitas vezes realizado em canaviais formados e em virtude do adensamento da cana-de-açúcar fica limitada a dispersão do agrotóxico no ambiente. Isto pode ampliar o risco de intoxicação.

A terceira maior causa de auxílios acidentários engloba as doenças do sistema nervoso, podendo predominar os acidentes vasculares cerebrais (G45) e as mononeuropatias dos membros superiores (G56), com destaque para a Síndrome do Túnel do Carpo (G56.0). Apesar da Síndrome do Túnel do Carpo ter seu nexo com o trabalho considerado controverso por Oliveira (2000), no caso dos trabalhadores canavieiros este nexo é claramente confirmado pelos registros de doenças do trabalho.

As doenças do aparelho digestivo, são a quarta causa de auxílio acidente e envolvem as úlceras gástricas (K25) e duodenais (K26) que podem estar articuladas a exposição a fuligem que se deposita no trato digestivo. A automedicação pode

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

representar uma tentativa de lidar com as doenças do aparelho digestivo e até mesmo pode agravá-las. Esta prática foi abordada na pesquisa de Moraes, Priuli e Chiaravalloti (2013, p.334) que enfatizam “a utilização do remédio como elemento racionalizador no trabalho, pois, pelo fato de receberem por produção, o medicamento pode prevenir uma possível diminuição no processo produtivo”.

E em quinto lugar surge o reconhecimento dos transtornos mentais e comportamentais como situação onde há reconhecimento donexo causal do adoecimento com o trabalho, ilustrando como a organização de trabalho pode contribuir para os agravos à saúde mental. O controle sobre a produtividade, a ameaça ao empregado representada pela mecanização e sazonalidade da atividade produtiva mobilizam ansiedades (RUMIN, 2004) que são reconhecidas nas situações de estresse. No de estudo de Priuli, Moraes e Chiaravalloti (2014 p.230) que comparava os sinais de estresse no período pré-safra e pós-safra “foi observada forte correlação positiva entre o traço de ansiedade e percepção da fadiga e estresse laboral”. Por isso, houve um acréscimo nos sintomas físicos e psicológicos ao fim da safra.

O Ministério da Saúde (2014) indicam que entre 1997 e 2011, a proporção de acidentes do trabalho que atingiu o conjunto total da população segurada foi 1437 para cada grupo de 100mil trabalhadores. Ao observar a incidência de acidentes entre trabalhadores da canavicultura, nos anos de 2012 e 2013, a canavicultura ultrapassou 2000 trabalhadores a cada grupo de 100 mil. Conforme pormenorizado abaixo, isto materializa a posição de vários pesquisadores de que os cortadores de cana-de-açúcar são “uma das categorias mais reconhecidamente desgastadas pelo trabalho, com registros de falência múltipla laboral” (MACHADO, 2010 p.237).

O Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho (MPAS, 2015) especifica que para o ano de 2012 a incidência de acidentes no cultivo da cana-de-açúcar (CNAE 01.13.0) foi de 2722 ocorrências a cada 100mil trabalhadores. Os acidentes típicos alcançaram 2206 ocorrências por 100 mil trabalhadores frente a 10 casos de doenças do trabalho e 6,76 mortes para este mesmo conjunto populacional. Já em 2013 a incidência foi de 2487, representando uma redução de 9,44% na incidência. Os acidentes típicos

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

englobaram 2017 ocorrências por grupo de 100 mil trabalhadores, evidenciando uma redução de 18,9%. Entretanto, as doenças do trabalho tiveram incremento de 20%, atingindo 12 ocorrências por 100 mil trabalhadores e a mortalidade também foi elevada em 17,6% suprimindo a vida de 7,95 trabalhadores a cada 100 mil. Evidencia-se que a mecanização da colheita e o cumprimento da NR31 contribuíram para a redução da incidência de acidentes, mas não colaborou para conter os efeitos da intensificação do trabalho. Isto porque as doenças do trabalho e a mortalidade foram incrementadas.

Mais estarrecedor é verificar as dificuldades de reconhecimento do adoecimento em seunexo causal com o trabalho. No Brasil, para a população em geral, as doenças do trabalho atingem 94,20 trabalhadores a cada grupo de 100mil (MS, 2014). Já no cultivo da cana-de-açúcar, em 2012, as doenças do trabalho foram reconhecidas apenas para 10 trabalhadores a cada grupo de 100mil e, em 2013, somente 12 trabalhadores a cada grupo de 100mil (MPAS, 2015). Estas proporções relativas aos trabalhadores da canavicultura representam somente 12,5% da distribuição das doenças do trabalho para a população em geral.

Após a discussão relativa as ocorrências de acidentes de trabalho, vale salientar que o modo de vida e produção tem impactos sobre a saúde que não se restringem aqueles reconhecidos formalmente em seu nexocausal com a atividade produtiva. Tomando a perspectiva de classe trabalhadora, os dados sobre auxílio previdenciário podem oferecer um diagnóstico de como o processo saúde/doença se delimita para este grupamento de trabalhadores. Esta concepção se aproxima daquela que orienta o Fator Acidentário Previdenciário (FAP) e possibilita:

(...) a eliminação da diferença fundamental entre doenças ou agravos ocupacionais e não ocupacionais, que se concretiza na computação agregada dos benefícios para a estimativa de risco relativo e do correspondente excesso de risco. Isto significa uma ruptura radical entre os critérios usualmente empregados de distinção entre doença ou agravo ocupacional, e os não ocupacionais. Esta mudança representa, por um lado, um aspecto positivo, ao se eliminar a necessidade do registro do nexocausal, alvo de rejeição ou negligência por parte dos profissionais de saúde responsáveis pelo diagnóstico

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

clínico para fins de definição de alíquotas de contribuição (SANTANNA, 2005 p.447).

No conjunto de dados da Previdência Social sobre auxílios doença, pode-se vislumbrar uma memória coletiva do processo de desgaste à saúde dos trabalhadores da canavicultura. Conforme destaca Bulhões (1999, p.90):

Manter viva a memória coletiva é uma maneira de impedir o vazio, de evitar a destruição das identidades. Não um passado embalsamado, servindo de referência a uma história que conserva privilégios de minorias, mas sim lembranças vivas, capazes de concorrerem na descoberta de sentidos sociais.

A seguir serão analisados os auxílios previdenciários que não foram enquadrados no conceito de acidente do trabalho. A discussão é focalizado no perfil de morbidade dos trabalhadores rurais envolvidos com a canavicultura. Na figura abaixo destacam-se as oito principais causas de adoecimento de acordo com a Classificação Internacional de Doenças. O período analisado compreende os anos de 2009-2013, no qual foram abertas 539.705 postos de trabalho na canavicultura. Porém no período citado há um saldo negativo de 8197 postos de trabalho.

Uma rápida observação nos números de auxílio doença indica um crescimento no número de benefícios concedidos no ano de 2010. Em seguida experimenta-se um declínio no número de benefícios e o período é encerrado com um declínio no número de benefícios quando comparado com o ano inicial da análise. Esta discreta redução pode decorrer do declínio do número de trabalhadores atuando na canavicultura. Exceções a esta tendência são os transtornos mentais e comportamentais e as doenças dos olhos e anexos que exibiram um crescimento no número de auxílios doenças quando comparados o início e o fim do período analisado.

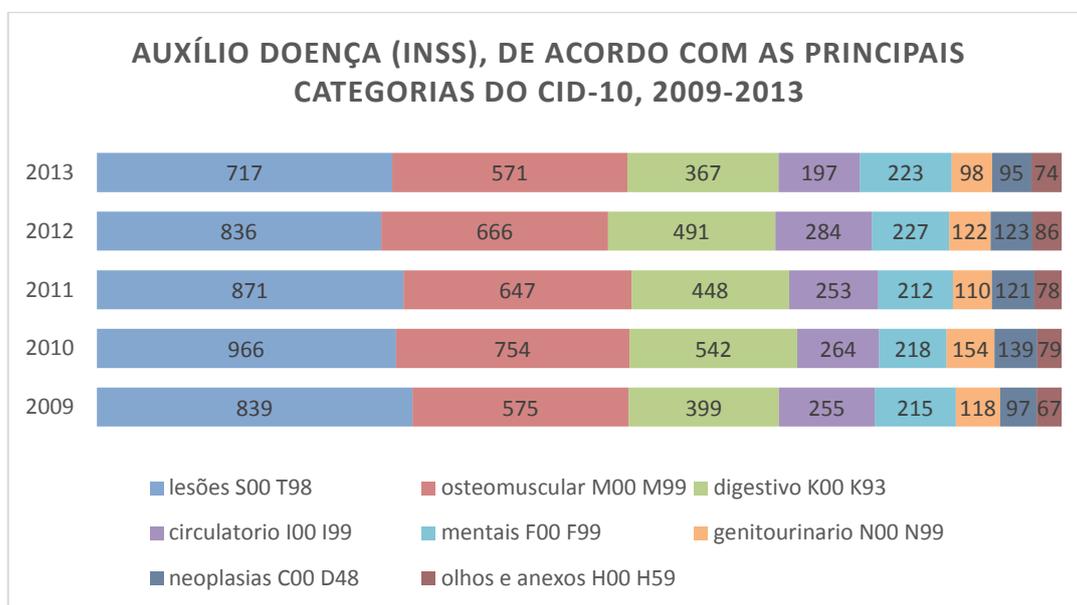
Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Lesões, envenenamentos e algumas outras consequências de causas externas (S00 – T98) acumulam a maior frequência de auxílios doenças. É evidente que a amplitude desta categoria poderia produzir este efeito, por agrupar ocorrências comuns entre trabalhadores canavieiros: ferimentos, fraturas, luxações, entorses, traumatismo e amputações, efeito tóxico de veneno de animais e efeitos do calor.

A segunda categoria em destaque envolve as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (M00 – M99). A repetição dos movimentos, a transmissão mecânica do impacto do facão nos colmos da cana-de-açúcar e a pressão as articulações decorrente das cargas movimentadas, são exemplos de exigências ocupacionais que ocasionam esta modalidade de adoecer entre os canavieiros. Palácio e Bertolini (2013) indicam que em um conjunto de 1243 benefícios previdenciários concedidos na região de Maringá (PR) para cortadores de cana-de-açúcar, a dorsalgia (M54) atingia 14,4%; lesões do ombro (M75) e sinovites e tenossinovites (M65) ambos alcançaram 10,5%; entesopatias (M77) 8%. A ginástica laboral (GL) é empregada nas usinas para tentar conter as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo. Entretanto, como indica Novack (2010, p.83) “a GL, ação proposta como melhoria para as condições de saúde, é ineficaz diante das características evidenciadas a partir da visão dos cortadores

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

de cana e profissionais da GL”. Preocupam, especialmente, pela cronificação destes quadros de adoecimento e a consequente incapacidade para o trabalho.

As doenças do aparelho digestivo (K00-K93) envolvem a terceira causa de afastamento do trabalho. É provável que este conjunto de adoecimentos estejam articulados a exposição aos hidrocarbonetos policíclicos aromáticos (HPAs) provenientes da queimada da cana (MAGALHÃES, BRUNS e VASCONCELLOS, 2007). Em sua forma particulada pode se depositar no trato digestivo em razão da respiração bucal decorrente do esforço físico intenso. A exposição de cortadores de cana-de-açúcar aos HPAs atingem o parâmetro máximo de exposição, tal como, “trabalhadores de coqueria e de plantas de fabricação de alumínio” (SAKIARA et al. 2010 p.118).

A quarta causa de auxílio-doença são as doenças do aparelho circulatório (I00-I99). Bitencourt, Ruas e Maia (2012) em estudo sobre o estresse térmico e a morte destes trabalhadores, indicam a potencialização do risco de doenças respiratórias e cardiovasculares nas atividades de colheita da cana-de-açúcar. Barbosa et al. (2012) conduziram avaliações de saúde em um grupo de 28 trabalhadores rurais, durante as atividades de colheita de cana queimada e meses depois, em atividades de manejo dos canaviais. Concluíram que a colheita da cana queimada determinava elevação da pressão arterial.

Os transtornos mentais e comportamentais (F00-F99) são o quinto grupo mais frequente de auxílio doença. O consumo de substâncias psicoativas, particularmente o álcool, deve compor este conjunto de adoecimento. Entretanto, não se deve desconsiderar a presença dos transtornos do humor, dos transtornos fóbico-ansiosos, das reações ao “stress” grave e os transtornos de adaptação entre os auxílios doença. Os transtornos do humor envolvem os episódios maníacos e os episódios depressivos. Entre os episódios maníacos destaca-se a hipomania (F30.0) que envolve estados de euforia e elevação persistente do humor, da energia e da atividade.

Nos contextos organizacionais a hipomania é mobilizada com incentivos salariais que possibilitariam o acesso a objetos fetichizados, como destacado por

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Vettorassi (2007). Na colheita de cana-de-açúcar, o ganho por produtividade reforça os sentimentos intensos de eficácia física e psíquica que se apresentam na hipomania. A estratégia de reservar os canaviais mais produtivos para a colheita nos dias de descanso remunerado (RUMIN, NAVARRO e PERIOTO, 2008) também se articula aos caracteres hipomaníacos e propicia que alguns cortadores de cana tentem atuar ininterruptamente ao longo de semanas. Entretanto quando o desgaste acentuado das capacidades laborativas se tornam incongruentes com a ordem psíquica e o trabalhador estaria em risco de severo agravo à saúde mental.

A análise de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre canavieiros de uma usina situada no estado de Goiás indicou que 33,1% dos trabalhadores apresentam sinais indicativos de TMC (DUARTE, 2010). Em pesquisa realizada para avaliação de TMC com 217 cortadores de cana-de-açúcar terceirizados, de uma usina do Mato Grosso do Sul, 42,9% apresentavam humor deprimido e 20,3% expressaram pensamentos depressivos (FAKER, 2009). Os transtornos depressivos entre cortadores de cana-de-açúcar podem estar associados aos processos migratórios. Conforme destaca Cavaliere (2010, p.161) “o sentimento de ausência alcança níveis de sofrimento que extrapolam o consolo que pode advir da consciência da necessidade objetiva da aquisição de bens materiais para a vida”. O apontamento da autora designa o emprego de uma racionalização para lidar com o distanciamento decorrente da migração.

A racionalização é “uma defesa psicológica que consiste em dar a uma experiência, a um comportamento ou a pensamentos reconhecidos pelo próprio sujeito como inverossímeis (mas dos quais ele não pode prescindir) uma aparência de justificação” (DEJOURS, 2001 p.72). Outra possibilidade de manifestação das vivências depressivas, decorre das dificuldades individuais para atender as próprias necessidades e da família e de alcançar os objetos fetichizados sinalizados como recompensa pelo empenho no trabalho. Como destaca Dejours (2008, p.72) se o trabalhador “acabar por duvidar de suas próprias convicções, corre o risco de questionar todos os conhecimentos que adquiriu e suas competências, até mesmo sua própria pessoa, e daí estará ameaçado pela depressão”.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Os transtornos fóbicos-ansiosos (F40) mobilizam nos indivíduos temerosidade em relação a algum evento ou situação. Esta apresentação de ansiedades paranoides envolvem o medo de morrer, de perder o autocontrole e até mesmo enlouquecer. A presença de rígidos controles sobre os trabalhadores e a ameaça do desemprego são fatores claramente conhecidos na gênese destes agravos a saúde mental (SATO, 2002; SELIGMANN-SILVA, 2011). No caso específico dos trabalhadores canavieiros, a mecanização da colheita incrementa o temor do desemprego e reduz a renda por direcionar à colheita manual, os canaviais de menor rentabilidade. Além disso, destaca-se que

os empresários sucroalcooleiros reduzem suas perdas em relação à qualidade da matéria-prima repassando aos fornecedores e a parcela mais fragilizada da cadeia produtiva, ou seja, os colhedores manuais de cana-de-açúcar, os prejuízos relacionados a interferências na qualidade da cana-de-açúcar. Uma seca prolongada ou uma grande infestação de cigarrinhas (*Mohanarva fimbriolata*) pode reduzir sensivelmente os ganhos salariais dos cortadores manuais de cana-de-açúcar (RUMIN, 2004 p.87).

Recentemente, com o incremento da colheita mecanizada, acrescenta-se a indisponibilidade de canaviais para o corte manual ao longo de toda extensão da safra e, por isso,

os trabalhadores relataram não ter um ritmo de corte constante no trabalho atual, sendo assim, nos dias que há o corte de cana manual eles aceleram muito o ritmo, para tentar compensar os dias trabalhados em outras funções, uma vez que seu pagamento é por produção (FARIA, 2012 p.70).

A tabela 1 ilustra estas afirmações sobre a ameaça do desemprego e oscilações na renda, no Estado de São Paulo (a seguir). Em menos de uma década nota-se a restrição na ocupação de trabalhadores canavieiros, no Estado de São Paulo. Em 2007 superava a marca de 117 mil admissões; já em 2013 foi restrita há pouco mais de 31 mil contratações. A renda média observada para o conjunto de trabalhadores da canavicultura (CBO-2002: 622110) mantém-se próxima ao patamar de um salário mínimo. Vale salientar que esta média de renda oscila em razão da extensão da safra.

Tabela 1. Renda, admissões e desligamentos de trabalhadores canavieiros, 2007-2013.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Ano	Salário médio admissão (R\$)	Admissões	Desligamentos	Saldo
2007	-	117.823	119.017	-1.194
2008	556,60	100.514	98.380	2134
2009	526,04	82.921	74.842	8.079
2010	576,96	61.358	66.145	-4.787
2011	625,29	46.898	48.257	-1.359
2012	708,26	41.123	42.083	-960
2013	924,48	31.854	21.225	10.629

Fonte: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (MTE, 2014)

Em 2009, a média da renda apresentou seu menor valor no período analisado, reflexo do encurtamento do período de safra ao longo do ano e de prejuízos a qualidade da cana-de-açúcar colhida. Já em 2013 a renda média apresentou um grande acréscimo, especialmente ocasionado pela extensão de safra que alcançou o mês de dezembro e pelo investimento nos tratamentos culturais dos canaviais.

As reações ao “stress” grave e os transtornos de adaptação podem envolver, em sua gênese, as estratégias de gestão empregadas pelas empresas sucroalcooleiras. A exemplo, encontra-se a oferta de cestas básicas de maior valor para aqueles que não acumulam ausências ao longo da jornada laborativa mensal. Em caso de faltas ao trabalho, mesmo justificadas por atestado médico, o valor da cesta básica recebida é reduzido. Habitualmente, quem apresenta mais de duas faltas ao trabalho em um mês não recebe a cesta básica. Laat (2010) registrou em sua pesquisa de campo outra estratégia para reduzir as faltas: o sorteio de uma moto para aqueles trabalhadores que não acumulassem mais de duas faltas em um mês. O controle sobre a produtividade dos trabalhadores também é outro fator determinante de estresse ocupacional. Este controle intensificou o trabalho e, de acordo com dados do Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo que foram compilados por Rumin, Navarro e Periotto (2008 p.202) indicam que:

Na década de 1970 a média de produtividade dos cortadores de cana-de-açúcar alcançava três toneladas/homem/dia. Na de 1980, ultrapassou quatro toneladas/homem/dia, valor que passou a sete na década de 1990 e, em 2005,

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

alcançou 12 toneladas/homem/dia. Tal aumento na produtividade do trabalho representou intensificação de 300% no ritmo de trabalho.

As cargas de trabalho interatuam na produção do desgaste à saúde mental. Os estudos de Alves (2006) e de Novaes (2007) dão conta de como uma diversidade de cargas de trabalho figuram na produção do desgaste à saúde dos cortadores de cana-de-açúcar. Deste modo, as cargas físicas, químicas, biológicas, mecânicas e fisiológicas, contribuem para o incremento das cargas psíquicas e pode delimitar o quadro de estresse, que envolve limitações da consciência e atenção, dificuldades para integrar estímulos e manter a orientação. Dejours (1997 p.13) destaca que a capacidade psíquica de subversão, possibilitaria ao trabalhador constituir “uma ordem psíquica por meio da qual ele tenta se livrar da ordem fisiológica”. Entretanto, nos quadros de estresse ocupacional, a subversão não conseguiria mais atender as exigências relativas a sobrecarga de trabalho e oferecer enfrentamento para tais imposições. Seligmann-Silva (2011) destaca que a sobrecarga ocupacional poderia também limitar as possibilidades de sublimação e assim impedir:

ao indivíduo articular os significados do seu desejo à busca do reconhecimento social. (...) As consequências dessa importante constatação têm muito a ver com o sofrimento mental dos trabalhadores e também com a constituição de alienação” (SELIGMANN-SILVA, 2011 p.211).

O estresse no trabalho também pode ser resultado de eventos violentos e impedir o seguimento da atividade laborativa. Denominado Transtorno de Estresse Pós-Traumático (F43.1) envolve, de acordo com Seligmann-Silva (2011): a) rememoração involuntária do evento violento; b) evitação de ambientes e situações ligados ao evento traumático e c) hipervigilância em virtude de alguma possibilidade do evento crítico se manifestar novamente. Assim, os acidentes de trabalho que envolvem graves ferimentos e mutilações, como também os acidentes de trajeto são situações que propiciam a manifestação do Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Palácio e Bertolini (2013) em estudo realizado entre 2010 e 2011, sobre os acidentes de trabalho da canavieira na região de Maringá (PR), apontam que as amputações traumáticas ao nível do punho e mão (S68) alcançaram 1,4% do total de acidentes.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

As doenças do sistema genitourinário (N00-N99) e as neoplasias (C00-D48) podem estar ligadas a exposição a agrotóxicos. A divisão do trabalho nos canaviais brasileiros pode contribuir para que grupos específicos de trabalhadores possam apresentar estas doenças com maior frequência. A divisão de atividades entre colheita e tratos culturais pode determinar que trabalhadores masculinos (que geralmente são dirigidos a colheita) estejam menos expostos a agrotóxicos. Entretanto, nas atividades de recolhimento de pedras (SILVA, 2013) plantio, controle de pragas e preparo de mudas (SILVA, 2010) esta exposição é mais intensa e são realizadas principalmente por mulheres. Na América Central um crescimento de casos de insuficiência renal crônica foi relacionada as atividades ocupacionais na canavicultura:

Las estadísticas de mortalidade del 2005 del Ministerios de Salud de Nicaragua mostraron que la tasa de mortalidade por insuficiéncia renal fue 13 veces mayor em las zonas cañeras que la tasa nacional (OISS, 2014).

A alocação de trabalhadores em todas as atividades relativas ao plantio, tratos culturais e colheita pode ser um elemento da organização do trabalho que intensifique a exposição dos trabalhadores da Nicarágua aos agrotóxicos. Por isso, são chamados de “cañeros” (trabalhadores da cana-de-açúcar) e não são nomeados pela segmentação da atividade (cortador de cana), tal como ocorre no Brasil. Outras questões relacionadas a doenças do aparelho genitourinário podem envolver a elevada temperatura a que são expostos no trabalho e a grande quantidade de água ingerida. Weiner et al. (2012) afirmam a possibilidade de insuficiéncia renal crônica (N18) caso haja uma redução do volume ingerido e a combinação com outros prejuízos renais (como os decorrentes pela exposição a agrotóxicos) resultando em fibrose dos rins e, por fim, a faléncia renal.

As neoplasias (C00-D48) podem decorrer dos efeitos genotóxicos oriundos da combinação das seguintes fontes de risco: altos níveis de material particulado, sobrecarga térmica e exigéncia física intensa (SILVEIRA et al. 2013). O material particulado pode ser composto por sílica livre, que no caso da canavicultura é muito presente. A ausência de cobertura vegetal do solo nos momentos de colheita, potencializa a exposição quando ocorrem ventanias. A movimentação das partículas do solo no manejo dos canaviais e em decorrência do deslocamento de veículos também

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

são fontes de risco importantes. Assim, para trabalhadores canavieiros, o risco de câncer de laringe pode ser aumentado pois como destaca Wüñch Filho (2004) a exposição à sílica livre é um fator ocupacional que ocasiona câncer de laringe. A fuligem também é elemento reconhecido para diversas profissões como carcinogênico, determinando câncer de pulmão (ALGRANTI, BUSCHINELLI e CAPITANI, 2010) e estranhamente ainda não relacionada para os cortadores de cana-de-açúcar. O câncer de pele também deve ser aludido como risco ocupacional para estes trabalhadores, pois, a radiação solar intensa já foi demonstrada como risco ocupacional (CHAGAS, GUIMARÃES e BOCCOLINI, 2013) para outro grupo de trabalhadores rurais (trabalhadores de vinha) e pescadores.

As lesões envolvendo olhos e anexos (H00-H59) são a oitava categoria de adoecimento entre os trabalhadores canavieiros, conforme indicam os dados da previdência social. Os traumatismos oculares causados por contato com vegetais foram responsáveis por 60% dos casos atendidos no Hospital São Geraldo em Belo Horizonte (MG) entre os anos de 1994 e 1999 (SALERA et al. 2002). Estas lesões eram acompanhadas de infecções fúngicas por *Fusarium* sp e *Aspergillus* sp. As infecções fúngicas podem determinar ceratomicoses, que de acordo com Müller, Kara-José e Castro (2007) são causadores de infecção córnea e outras consequências como a necrose córnea e comprometimento do cristalino.

É importante ressaltar que as ceratomicoses podem ocorrer mesmo que lesões mecânicas tenham ocorrido. Em uma amostra de 100 cortadores de cana que trabalhavam em Minas Gerais, 67% apresentavam ao menos um tipo de fungo na conjuntiva (DALFRÉ et al. 2007), o que denota risco elevado do desenvolvimento de ceratomicoses. Além disso, a exposição a queimadas e seus resíduos ao longo de diversas safras contribui para prejuízos a qualidade do filme lacrimal e determina a ocorrência de doenças como catarata, tumores e olho seco (MATSUDA, 2009).

Finaliza-se a análise dos resultados e discussões sobre o processo de desgaste à saúde dos cortadores de cana-de-açúcar, enfatizando o posicionamento de Minayo-Gomez (2011) de que haveria uma produção científica que sustentaria a legitimação de

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

direitos sociais e impulsionaria a delimitação de políticas públicas para os trabalhadores canavieiros. Conforme o autor:

a apropriação de conhecimentos estratégicos produzidos por pesquisadores no setor canavieiro, nos recursos utilizados do instrumental jurídico e nas ações de fiscalização e vigilância e nas ações de fiscalização e vigilância, propicia importantes avanços na saúde do trabalhador e no meio ambiente (MINAYO-GOMEZ, 2011 p.3361).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos acidentes do trabalho indica que no período de 2009-2013 houve redução na incidências destas ocorrências para os trabalhadores canavieiros. É possível que esta redução tenha sido ocasionada pela aplicação da NR31 e ações de vigilância sanitária em saúde do trabalhador (VISAT). Entretanto a proporção de acidentes da canavicultura (superior a 2000 ocorrências a cada grupo de 100 mil) ainda é muito elevada quando comparada com a proporção de acidentes na população em geral (1437 ocorrências a cada grupo de 100 mil).

Esta constatação acima deveria sustentar o argumento de que, ao trabalhador da canavicultura deveria ser considerada a insalubridade da atividade. Especialmente, se considerarmos que os elementos presentes no contexto de trabalho interatuam na produção do desgaste à saúde. No processo RR-31200-70.2007.5.15.0120 o Tribunal Superior do Trabalho reconheceu a insalubridade do trabalho na canavicultura em razão da exposição aos hidrocarbonetos policíclicos aromáticos presentes na fuligem da cana queimada (TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO, 2015). Entretanto, neste argumento, os empregadores estariam desobrigados a pagar a insalubridade para as atividades de corte de cana palha e outras modalidades de tratos culturais. Assim, a insalubridade não atingiria a Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) denominada “cultivo de cana-de-açúcar” (01.13-0), apenas aqueles trabalhadores ou aqueles dias que estariam mobilizados na colheita de cana queimada.

A penosidade do trabalho nas atividades relacionadas ao cultivo de cana-de-açúcar, contrasta com um reduzido número de doenças do trabalho, representando

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

apenas 12,5% da incidência para a população em geral. Isto faz supor que haja dificuldades para reconhecer o nexos causal do adoecimento com o trabalho. Esta suposição parece confirmada quando compara-se os registros de auxílio-acidente com os registros de auxílio-doença.

As doenças osteomusculares figuram de modo muito expressivo nos auxílios doença, refletindo um agravo a saúde no período de entressafra que foi resultado do trabalho no período de safra. Sugere-se que haveria um certo nível de analogia entre registros de acidentes e de doenças do trabalho, em virtude da busca por cuidados a saúde em período posterior a interrupção do registro em carteira de trabalho. A analogia também seria observada nas doenças do aparelho digestivo e nos transtornos mentais e comportamentais.

A combinação da sazonalidade da atividade produtiva, com suas condições penosas e as dificuldades para reconhecer o nexos causal do adoecimento com o trabalho limitaria de forma acentuada o acesso a aposentadoria por tempo de serviço.

Talvez por pautar-se nesta deletéria conjugação de fatores que houve a decisão do Tribunal Regional Federal da 3ª Região – Processo 0031369-12.2013.4.03.9999/SP – que reconheceu o trabalho na colheita manual de cana-de-açúcar como atividade especial para contagem de tempo para a aposentadoria (FERREIRA e MINETTO FERREIRA ADVOGADOS, 2014). Esta decisão é de extrema relevância, em virtude das dificuldades destes trabalhadores suportarem um trabalho tão degradante até a idade mínima exigida para a aposentadoria, ou ainda, acumularem os períodos mínimos de contribuição previdenciária já que o trabalho é sazonal.

Assim, não se deve desconsiderar a história social desse grupo e adiar ainda mais a discussão de políticas públicas que legitime seus direitos. Mesmo com a colheita mecanizada representando alguma superação em relação aos padrões de morbidade destes trabalhadores, um montante significativo de homens e mulheres ainda empenham sua vida e saúde na produção de valores da agroindústria canavieira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

- ALGRANTI, E.; BUSCHINELLI, J.T.P.; CAPITANI, E. M. Câncer de pulmão ocupacional. **J Bras Pneumol**. v.36, n.6, p.784-794, nov./dez.,2010.
- ALVES, F. Por que morrem os cortadores de cana? **Saúde Soc**. v.15, n.3, p.90-98, set./dez. 2006.
- ALVES, F. Políticas públicas compensatórias para a mecanização do corte de cana crua: indo direto ao ponto. **Ruris**, v.3, n.1, p.153-178, jan./jun. 2009.
- ANDRADE, M.C. **Modernização e pobreza**: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico social. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- BARBOSA, C.M.G. et al. Burnt sugarcane harvesting – cardiovascular effects on a group healthy workers, Brazil. **PLoS ONE**, v.7, n.9, e46142, 2012.
- BARROS, M.N.F. A identidade do policial militar: os dilemas presentes no contexto da corporação. In: BARROS, M.N.F. **Itinerários em Psicologia Social**. Londrina: UEL, 2001. (p.01-20)
- BITENCOURT, D.P.; RUAS, Á.C.; MAIA, P.A. Análise da contribuição das variáveis meteorológicas no estresse térmico associada à morte de cortadores de cana-de-açúcar. **Cad. saúde pública**, v.28, n.1, p.65-74, jan. 2012.
- BULHÕES, M.A. Identidade, uma memória a ser enfrentada. In: SOUSA, E.L.A. **Psicanálise e colonização**: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. (p.90-99)
- CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS (CAGED). Perfil do município. Disponível em:
<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php> Acesso em: 23/11/2014.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

CANDIDO, P.; MALAGODI, E. Mobilização de trabalhadores canavieiros e ação estatal no setor sucroalcooleiro do Nordeste. **Cad ciênc. soc. aplic.** n.8, p.133-151, jul./dez. 2009.

CARVALHO, R.G.; SANTOS, J.C.; SILVA, L.C.S. A expansão do setor sucroenergético na microrregião geográfica de Ituiutaba (MG) e a degradação do trabalho canavieiro. **Rev pegada.** v.14, n.1, p.189-208, jan./jun. 2013.

CAVALIERI, L. **Migração e reprodução social:** tempos e espaços do cortador de cana e de sua família. [Tese]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 2010. 262p.

CECCATO, A.D.F. et al. Absenteísmo por doença ocupacional de trabalhadores rurais no setor canavieiro. **Cad. saúde pública,** v.30, n.10, p.2169-2176, out. 2014.

CHAGAS, C.C.; GUIMARÃES, R.M.; BOCCOLINI, P.M.M. Câncer relacionado ao trabalho: uma revisão sistemática. **Cad. saúde coletiva,** v.21, n.2, p.209-223, abr./jun. 2013.

COSTA, D.P.P.; BARBOSA, F.S. Efeito da esquistossomose na produtividade do cortador de cana ao longo da safra de açúcar da Usina Catende, Pernambuco. **Mem. Inst Oswaldo Cruz.** v.77, n.4, p.425-429, 1982.

DALFRÉ, J.T. et al. Microbiota fúngica da conjuntiva, da cana-de-açúcar e de anemófilos da região canavieira de Belo Monte (MG). **Arq. Bras. Oftalmol.** v.70, n.1, p.445-449, jan/fev 2007.

DAWSEY, J.C. “Caindo na cana” com Marilyn Monroe: tempo, espaço e “bóias-frias”. **Rev. Antropol.** v.40, n.1, p.183-226, jan/jun 1997.

DEJOURS, C. **Repressão e subversão em psicossomática.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro: FGV, 2001.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

DEJOURS, C. **A avaliação do trabalho submetida à prova do real.** São Paulo: Blucher, 2008.

DUARTE, G.J. **Transtornos mentais comuns em trabalhadores rurais no corte da cana-de-açúcar, Santa Helena de Goiás/Goiás.** [Dissertação]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010. 107p.

FAKER, J.N. **A cana nossa de cada dia: saúde mental e qualidade de vida em trabalhadores rurais de uma usina de álcool e açúcar de Mato Grosso do Sul.** [Dissertação]. Universidade Católica Dom Bosco, 2009. 152p.

FARIA, I.D. **Saúde mental e trabalho rural no processo de reestruturação produtiva de uma empresa do setor sucroalcooleiro em Minas Gerais – Brasil.** [Dissertação]. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. 140p.

FARIAS, C.S. A Expansão da cana para a Amazônia Sul Ocidental e as implicações na produção de alimentos. **Rev. pegada.** v.12, n.2, p.172-189, jul./dez. 2010.

FERREIRA & MINETTO FERREIRA ADVOGADOS. **Trabalho no corte de cana-de-açúcar como atividade especial para aposentadoria.** Disponível em: <<http://ferreiraeminetto.com.br/trabalho-no-corte-de-cana-de-acucar-como-atividade-especial-para-aposentadoria/>> Acesso: 25/04/2014

FREDERICO, N.T.; MARCHINI, J.S.; OLIVEIRA, J.E.D. Alimentação e avaliação do estado nutricional de trabalhadores migrantes safristas na região de Ribeirão Preto, SP (Brasil). **Rev. saúde pública,** v.18, p.375-381, 1984.

GRISCI, C.L.I.; LAZZAROTTO, G.R. Psicologia Social no Trabalho. In: STREY, M. N. **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2005. p.230-240.

JACQUES, M.G. Identidade. In: STREY, M. N. **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2005. p.159-167.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

LAAT, E.F. **Trabalho e risco no corte manual de cana-de-açúcar: a maratona perigosa nos canaviais.** [Tese]. Universidade Metodista de Piracicaba, 2010. 206p.

LOPES, R.M. Acidentes de trabalho na zona canavieira de Lençóis Paulista. **Rev. Bras saúde ocup.** v.10, n.37, p.42-45, 1982a.

LOPES, R.M. Acidentes de trabalho na agricultura, Botucatu – SP. **Rev. Bras saúde ocup.** v.10, n.39, p.12-17, 1982b.

MACHADO, J. Qual o impacto do Ntep na situação da saúde do trabalhador no Brasil? In: MACHADO, J.; SORATTO, L.; CODO, W. **Saúde e trabalho no Brasil. Uma revolução silenciosa: o Ntep e a previdência social.** Petrópolis: Vozes, 2010. p.236-246.

MACHADO NETO, J.G.; MACHADO, R.F. Avaliação de equipamentos de aplicação de herbicidas em operação de repasse em cana-de-açúcar e segurança para o trabalhador. **Planta daninha** v.25, n.4, p.877-887, out/dez 2007.

MACIEL, M.R.A. et al. Caracterização sócio-econômica do trabalhador temporário da indústria canavieira em Lagoa da Prata, Minas Gerais, Brasil. **Soc. nat.** v.23, n.2, p335-343, ago 2011.

MAGALHÃES, D.; BRUNS; R.E.; VASCONCELLOS, P.C. Hidrocarbonetos policíclicos aromáticos como traçadores da queima de cana-de-açúcar: uma abordagem estatística. **Quím. Nova**, v.30, n.3, p.577-581, mai/jun 2007.

MARTINS, J.S. **Expropriação e violência: a questão política no campo.** São Paulo: Hucitec, 1991.

MATSUDA, M. **Efeitos da emissões geradas pela queima dos canaviais sobre a superfície ocular.** [Tese]. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2009. 128p.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

MINAYO-GOMEZ, C. Produção de conhecimento e intersectorialidade em prol das condições de vida e de saúde dos trabalhadores do setor sucroalcooleiro. **Ciênc. saúde coletiva**, v.16, n.8, p.3361-3368, ago 2011.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho**. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/tabela-dos-indicadores/>> Acesso em 01/04/2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Casos de acidente do trabalho por ano segundo unidade da federação**. Disponível em: <tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2012/d06.def> Acesso em 20/11/2014

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php Acesso em: 20/03/2014

MORAES, M. S.; PRIULI, R. M. A.; CHIARAVALLI, R. M. A saúde e o jovem migrante. **Cad. saúde coletiva**, v.21, n.3, p.332-337, jul/set 2013.

MÜLLER, G.G.; KARA-JOSÉ, N.; CASTRO, R.S. Perfil epidemiológico das ceratomicoses atendidas no HC-Unicamp. **Arq. Bras. Oftalmol.** v.75, n.4, p.247-250, jul/ago 2012.

NOVACK, T. **A dupla visão da ginástica laboral no corte manual da cana-de-açúcar: profissionais e cortadores**. [Dissertação]. Universidade Federal de São Carlos, 2010. 95p.

NOVAES, J.R.P. Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. **Estud. Av.** v.21, n.59, p.167-177, jan/abr 2007.

OLIVEIRA, J.T. Síndrome do túnel do carpo: controvérsias a respeito de diagnóstico clínico e eletrofisiológico e a relação com o trabalho. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** v.58, n.4, p.1142-1148, 2000.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

OLIVER, G.S.; SZMRECSANY, T. A Estação Experimental de Piracicaba e a modernização tecnológica da agroindústria canavieira (1920 a 1940). **Rev. Bras. Hist.** v.23, n.46, p.37-60, jan./jun. 2003.

ORGANIZACIÓN IBEROAMERICANA DE SEGURIDADE SOCIAL (OISS).

Trabajadores de la caña de azúcar. Disponível em:

<<http://www.oiss.org/estrategia/IMG/pdf/6-Cana.pdf>> Acesso em: 27/01/2014

PALÁCIO, M.A.G.; BERTOLINI, S.M.M.G. Atividade canavieira na região noroeste do Paraná: acidentes e doenças do trabalho no período de 2010 e 2011. **Diálogos & Ciência**, v.33, p.39-44, mar. 2013.

PRIULI, R. M. A.; MORAES, M. S.; CHIARAVALLI, R. M. Impacto do estresse na saúde de cortadores de cana. **Rev. Saúde Pública**, v.48, n.2, p.225-231, abr 2014.

RAMOS, P. Os mercados mundiais de açúcar e a evolução da agroindústria canavieira do Brasil entre 1930-1980. **Econ. Apli.** v.11, n.4, p.559-585, out./dez. 2007.

RIBEIRO, H.; FICARELLI, T. R. Queimadas nos canaviais e perspectivas dos cortadores de cana-de-açúcar em Macatuba, São Paulo. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.1, p.48-63, jan./mar. 2010.

RODRIGUES, V.L.G.S. Acidentes rodoviários com trabalhadores volantes da agricultura. **Rev. bras. saúde ocup.** v.11, n.42, p.46-52, 1983.

RUMIN, C.R. **Trabalho rural e saúde:** um estudo sobre as condições de trabalho e sua relação com a saúde dos cortadores de cana do município de Pacaembu/SP. [Dissertação] Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), 2004. 166p.

RUMIN, C.R.; NAVARRO, V.L.; PERIOTO, N.W. Trabalho e saúde no agrobusiness paulista: estudo com colhedores manuais de cana-de-açúcar da região oeste do Estado de São Paulo. **Cad. Psicol. Soc. Trab.** v.11, n.2, p.193-207, dez 2008.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

SAKIARA, K.A. et al. Otimização e validação de uma metodologia analítica para determinação de 1-hidroxipireno em urina de cortadores de cana-de-açúcar. **Eclét. Quím.** v.35, n.4, p.113-119, out. 2010.

SALERA, C.M. et al. Perfil das ceratites fúngicas no Hospital São Geraldo, Belo Horizonte – MG. **Arq. Bras. Oftalmol.** v.65, n.1, p.9-13, jan./fev. 2002.

SANTOS, A.M.F.T.; SOUZA, F.A. Cana doce, trabalho amargo: a superexploração do trabalhador canavieiro no município de Itabiraí-GO. **Rev. pegada** v.13, n.2, p.127, jul/dez 2012.

SATO, L. Saúde e Controle no Trabalho: feições de um antigo problema. In: JACQUES, M. G., CODO, W. (Orgs.) **Saúde Mental e Trabalho: leituras.** Petrópolis: Vozes, 2002. p.31-49.

SCHMITT, G.C. et al. Aspectos gerais e diagnóstico clinicolaboratorial de intoxicação por paraquat. **J. Bras. Patol. Med. Lab.** v.42, n.4, p.235-243, jan./aug.2006.

SCHLINDWEIN, V.L.D.C. Dor e sofrimento oculto: a desproteção social dos trabalhadores do fumo. **Barbarói**, n.32, p.82-97, jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo.** São Paulo: Cortez, 2011.

SEVERO, N.P.F.; LEITE, C.Q.F. Caracterização da população portadora da tuberculose no município de Américo Brasiliense (SP), no período de 1992 a 2002. **Rev. Ciênc. Far. Bás. Aplic.** v.26, n.1, p.83-86, jan./abr. 2005.

SILVA, M.A.M. **Errantes do fim do século.** São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

SILVA, M.A.M. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. **Teo. Pesq. Rev. Ciênc. Pol.** v.1, n.49, p.35-64, jul./dez. 2006.

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

SILVA, M.A.M. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **Ruris**, v.4, n.2, p.13-43, jul./dez. 2010.

SILVA, M.A.M.; VERÇOZA, L.V.; BUENO, J.D. A imagem do etanol como “desenvolvimento sustentável” e a (nova) morfologia do trabalho. **Cad. CRH**, v.26, n.68, p.253-271, mai./aug. 2013.

SILVEIRA, H.C.S. et al. Emissions generated by sugarcane burning promote genotoxicity in rural workers: a case study in Barretos, Brazil. **Environmental Health**, v.12, n.87, p.01-06, 2013.

SOUZA, M.A. O mundo do trabalho dos “homens de vida amarga e dura” nas “usinas escuras” do agronegócio canavieiro no norte do Paraná: notas para um debate. **Rev. pegada**. v.14, n.2, p.118-142, jul/dez 2013.

SZMRECSÁNYI, T.; MOREIRA, E.P. O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a segunda guerra mundial. **Estud. Av.** v.5, n.11, p.57-79, jan/abr 1991.

TEIXEIRA, M.L.P.; FREITAS, R.M.V. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. **São Paulo em Perspec.** v.17, n.2, p.81-90, abr/jun 2003.

TORRES, V. **Condições de vida do trabalhador na agroindústria do açúcar**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1945.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Canavieiro receberá insalubridade por contato com fuligem da queima de cana-de-açúcar**. Disponível em:

<http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/canavieiro-recebera-insalubridade-por-contato-com-fuligem-da-queima-de-cana-de-acucar> Acesso em 02/04/2015.

VETTORASSI, A. Partindo para a cidade garantida e proibida. In: NOVAES, J.R.; ALVES, F. (Org.) **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial**

Estudos do Trabalho

Ano VIII – Número 15 – 2015

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EdUFSCAR, 2007. p.119-156

VILELA, R. A.G. et al. Experiência de vigilância no setor canavieiro: desafios para interromper a "maratona" perigosa dos canaviais. **Ciênc. saúde coletiva**, v.19, n.12, p.4659-4668, dez 2014.

XAVIER, G.L. Violência e Escravidão Contemporânea nos Canaviais Goianos. **Rev. IDeAS**, v.7, n.1, p.67-105, jan/jun2013.

WEINER, D.E. et al. The Central American Epidemic of CKD. **CJASN**. p.01-08, out 2012.

WÜNSCH FILHO, V. The epidemiology of laryngeal cancer in Brazil. **São Paulo Med J**. v.122, n.5, p.188-194, set/out 2004.